

# RELIGIÃO MUDIATIZADA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO “RISO”

*Catiane Rocha Passos de Souza (IFBA/UFAL)*  
cati-rocha@ig.com.br

## ***1. Introdução***

Na “espetacularização” da religião os meios não são apenas instrumentos, determinam também o dizer e seus efeitos de sentido. Os programas evangelísticos se formulam pela necessidade de sua veiculação na mídia. O discurso religioso que se produz nas condições determinadas pela televisão tem em sua formação uma heterogeneidade constituinte e fundadora de tendências cada vez mais presente, como o humor e suas manifestações, na materialidade opaca em que se anuncia. Opaca pela naturalização em que são percebidos: a TV enquanto meio de comunicação, o discurso da religião, que prega a salvação, e o humor, que, em geral, provoca o risível numa aparente brincadeira.

Buscando refletir sobre o processo de midiatização da religião procuramos reconhecer, em nosso trabalho, o riso como materialidade discursiva, pois produz efeitos que operam nos movimentos de transformação e de manutenção dos sentidos que circulam socialmente. Assim, objetivamos, com a análise, compreender os efeitos de sentido das imagens que focalizam “o riso” nas práticas religiosas midiatizadas.

Para análise, selecionamos imagens que focalizam “o riso” recordadas de sermões do Programa de TV Vitória em Cristo, do Pastor Silas Malafaia, vinculado à Igreja Assembleia de Deus, maior representação nacional do movimento pentecostal. O programa é exibido diariamente, em diversas emissoras de TV, entre as quais está o canal aberto Rede Bandeirantes de veiculação nacional. A representatividade do Programa Vitória em Cristo (doravante PVC) no meio evangélico se pauta no histórico de 30 anos ininterruptos na televisão brasileira, com transmissão para redes internacionais nos últimos dois anos.

Nossa leitura pauta-se nos pressupostos teóricos da análise do discurso de fundamentação pecheutiana que nos aponta subsídios no gesto interpretativo das práticas discursivas. O quadro teórico dessa filiação nos interessa pelo caráter político no tratamento das questões da linguagem, atreladas ao materialismo histórico e à psicanálise, diante da possibilidade de relacionar a determinação de classe e o inconsciente na for-

mulação de uma teoria do sujeito constituído pela ideologia. Ao tratar do riso pelo viés da discursividade, nos atentamos principalmente nas suas condições de produção.

## 2. *Os efeitos de sentidos do riso: religião e “graça”*

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. (ORLANDI, 2007, p. 102)

Fazer “graça” não caracteriza o espaço religioso. Tradicionalmente espera-se rir no circo, na feira livre, nas festas. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas. É o que se pensa até hoje, pois a reflexão é o que se espera na missa, no culto, nos rituais em geral. E para a reflexão se exerce o silêncio, a meditação, como ausência de linguagem humana para manifestação da voz divina, “a ideia de que Deus fala somente quando a criatura se cala passou a ter claramente o sentido de educar para uma *ponderação* serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual”. (WEBER, 2004, p. 135)

O silêncio como exercício de meditação que eleva a espiritualidade se instalou em toda a história da igreja cristã. O silêncio, nesse caso, é um sacrifício, um esforço do corpo para ultrapassar a matéria e penetrar na dimensão espiritual, assim, acredita-se que o ser humano preza primordialmente a fala ou qualquer som como forma de significação. Para Orlandi (2007), o silêncio não é ausência, além de ser fundador de todo sentido, ele significa.

O silêncio é necessário para a existência da religião. Segundo Orlandi (2007, p. 41), é no discurso religioso que Deus representa a onipotência do silêncio, ou seja, no silêncio de Deus revela-se o dizer da religião. O silêncio de Deus, portanto, é fundador dessa prática. No entanto, não é apenas o silêncio de Deus que se faz necessário para o discurso religioso, é preciso silenciar os sentidos que se opõem à “verdade religiosa”, os sentidos que geram dúvidas e questionam a fé, por isso é autoritário e tende à monossêmia.

A imposição do silêncio, naturalizado como exercício para a santidade, é concretizada nos votos aceitos na clausura e em outras situações, não se distancia da política do silenciamento que se instaura na re-

ligião. Convém citar algumas práticas dessa política, a excomunhão<sup>88</sup>, a disciplina<sup>89</sup> e outras ações que servem ao disciplinamento dos comportamentos, das atitudes e dos sentidos.

## 2.1. O riso: adesão ao humor no discurso religioso

O homem é um “animal que ri”, mas o riso não é uma função biológica, própria da natureza animal humana, assim como a linguagem ele é desenvolvido simultaneamente ao processo de socialização e produz efeitos de sentido. O riso é compreendido como natural e espontâneo, no entanto, não é bem assim, é um signo não linguístico e, como tal, muito significativo. Contudo, uma tarefa muito complexa, e próxima ao impossível, é a interpretação do riso do interlocutor como gesto de aprovação, de admiração, de crítica, de zombaria, de constrangimento, não se sabe exatamente o sentido de um riso.

Esse caráter polissêmico do riso pode ser o que justifica o controle dessa manifestação nas religiões cristãs. Ao citar passagem do diário de Vingren<sup>90</sup>, em que o pastor relata experiências com risos na manifestação pentecostal, Alencar (2010, p. 153) interroga: “Este fenômeno intrigante das ‘manifestações’ (ou crises?) de riso que Vingren comenta reiteradas vezes, aparece apenas em sua biografia e, com o tempo, desapareceram da liturgia assembleiana. Por quê?” A pergunta do autor não obteve respostas em sua pesquisa nem nas entrevistas realizadas. Conter o riso na liturgia religiosa é algo visto como necessário, mas não se publicam as razões desse silenciamento.

Para evitar o riso, se estabelece o controle daquilo que o causa, ou seja, evitou-se, na religião, o que provoca o riso. Uma das principais maneiras de provocar o riso é o humor, que inclui o texto, os gestos, a entoação da voz, e vários outros elementos.

---

<sup>88</sup> “Pena eclesiástica que impede o fiel de participar dos sacramentos e de usufruir outros bens espirituais proporcionados pela igreja.” (XIMENES, 2000).

<sup>89</sup> É como se denomina a “excomunhão” nas igrejas evangélicas. Esse tipo de ação pode ser temporário, varia entre um, três ou seis meses a depender da infração cometida; ou pode ser definitiva, após um processo, quando se anuncia a exclusão do rol de membros da igreja.

<sup>90</sup> Missionário sueco que viveu vinte e dois anos no Brasil, um dos fundadores da Assembleia de Deus no país.

Como o “fazer graça”, muitas vezes, é significado pejorativamente, depreciativo, inferiorizado, “palhaçada”, não se trata, no discurso religioso, como “humor” o fenômeno que o atualiza. Para percebermos como isso funciona, observemos os enunciados abaixo retirados da seção Entrevista publicada na Revista Fiel, maio de 2012, p. 14:

Com seu jeito peculiar de falar, Pr. Silas Malafaia revela em entrevista como construiu um Ministério expressivo.

O estilo franco, direto, questionador e nada legalista é uma das principais marcas de um servo de Deus que tem sido incansável em sua missão de pagar o evangelho ao Brasil e ao mundo.

As expressões “jeito peculiar de falar”, “estilo franco, direto, questionador e nada legalista” se referem ao que faz expressivo o ministério, ou seja, a pregação do Pastor Silas Malafaia. Em especial, o sentido de “nada legalista” nos chama a atenção, visto que o termo “legalista” é a adjetivação daquele que possui apego às leis e normas, assim “nada legalista” seria aquele que não respeita as leis e as normas, o que é considerado inaceitável a um homem público, modelo de crente, representante legal de uma igreja tradicional.

O efeito pretendido na utilização dessa expressão não é o que se apreende referencialmente em relação às leis judiciais ou normas sociais, pois as leis e normas que não são respeitadas ou seguidas, nesse caso, se associam ao estilo da oratória do pregador, ao jeito de falar que se distingue o tornando peculiar. Mas se distingue por quê? Distingue-se do percurso histórico que caracteriza o discurso religioso como formal, autoritário, ríspido. Ser nada legalista, nesse sentido, é pregar com um estilo diferente em relação ao que se espera em uma pregação pentecostal assembleiana.

Nada legalista é não ser convencional quanto ao modo de dizer, mas para não ser convencional numa formação discursiva que se aparenta com fronteiras rígidas exige uma demonstração de aceitação ao diferente, ainda mais em um programa de televisão. Por isso há uma importância, para o PVC, na presença do público no cenário do sermão. A imagem de aceitação ao humor se materializa nas expressões de alegria, o riso, dos presentes naquele contexto imediato.



**Imagem 01: Plateia no PVC rindo. Fonte: PVC exibido na TV, em 01/07/11**

Os sentidos produzidos nessas imagens que focalizam a plateia rindo provocam ao telespectador dois tipos de efeitos (CHARAUDEAU, 2007, p. 110): “um efeito de realidade, quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; (...) um efeito de verdade, quando torna visível o que não era a olho nu”. A plateia rindo durante o sermão materializa a imagem de que as pessoas estão se divertindo numa igreja, isso então é possível, acontece. Sendo realidade, então, é tido verdadeiro.

Tais efeitos buscam a “credibilidade” necessária para a validade do que está sendo transmitido: humor no sermão religioso pentecostal. O verdadeiro seria o que acontece, a prova visível de uma igreja alegre, satisfeita. Mostrar as imagens significa autenticar, fazer crer que é possível ser crente e não ser infeliz, não ser oprimido. Pelas imagens incontestáveis de risos, nada nem ninguém se opõe à verdade capturada pelas câmeras.

Como um programa de auditório, no qual há o momento dos aplausos, ou programa humorístico, em que há o momento do riso do público, no sermão pentecostal há o momento da participação do público com gritos de “aleluia”, “glória a Deus”, “amém” e outras expressões típicas do culto pentecostal. Esse momento é indicado na fala do pregador com pausa, ênfase em expressões, ou mesmo com apelo à participação do público, com expressões do tipo: “Amém irmão!”, “Dê glória a Deus!”, “Aleluia, irmão!” e outras.

Não há uma exposição espontânea do riso. O riso, assim como as demais manifestações do culto pentecostal, é controlado e só pode, no PVC, servir à verdade que se deseja propagar:

Imerso nessas mensagens (e a mídia é delas uma fonte inesgotável) que repetem certas ideias, o leitor é instado a concordar com aquilo que é dito e a acatar o aparente consenso instaurado pelo riso. Essa é uma das funções do humor, pois o riso entorpece. Para haver a possibilidade da discordância é preciso levantar esse véu das evidências, conseguir localizar de onde vem aquilo que nos faz rir. (GREGOLIN, 2007, p. 23)

Para o crente que se faz obediente não há possibilidade de levantar o véu e enxergar o que faz rir. Nesse sentido, o riso é uma forma de silenciamento, pois, por meio dele, impede que outros efeitos sejam produzidos e que outros discursos sejam sustentados, como nos diz Orlandi (2007).

No PVC, o momento do riso, análogo ao que acontece nos programas humorísticos, são momentos registrados pelas imagens, nas quais as pessoas aparecem rindo e batendo palmas, revelando na aparência gestos de aceitação do humor enquanto silencia outros sentidos.

### **3. *O riso na resignificação do espaço sagrado***

No Cristianismo, o templo é parte do celestial, considerado morada do Altíssimo, Casa de Deus, portanto, é como se antes de transitar nesse espaço, qualquer homem devesse se santificar. Esse sentido é mantido desde os primeiros templos, pelos registros no Antigo Testamento, quando somente o sumo sacerdote tinha acesso ao santuário, restando aos fiéis frequentar apenas o pátio do templo e somente após a purificação realizada através de sacrifícios de animais. Essa prática se modificou no Novo Testamento, pois, segundo os registros, na morte de Cristo o véu do templo se rasgou de alto a baixo, simbolizando o acesso dos fiéis ao santuário. Mesmo com esse acesso permitido, não se poderia realizar de qualquer jeito, somente mediante as regras postuladas pelos fiéis.

Mais do que simplesmente dinamizar o cenário do programa, as imagens do Programa Vitória em Cristo, em seus diversos planos, retratam um espaço litúrgico distinto daqueles figurados na história da igreja cristã, porque mostra um espaço alegre, pessoas confortavelmente rindo,

interagindo, poderíamos dizer, pelo contexto midiático, se entretendo<sup>91</sup>. O que se sabe é que a igreja enquanto lugar de seriedade, no sentido de não permitir atos de irreverência, preencheu a imagem do Cristianismo, no qual o sacerdote, e até mesmo o simples frequentador, não deveria falar alto, fazer brincadeira, jogos ou outros tipos de atividades, visto que a igreja é o santuário, lugar consagrado ao culto, morada do santíssimo, no qual não cabem atitudes mundanas ou profanas.



**Imagem 02: Plateia do PVC rindo. Fonte: PVC exibido na TV, em 04/07/11**

A diferença do ambiente tradicional da igreja é a dinamização proposta pelo riso, um ambiente, no qual além das falas, palmas, próprias do culto, há o som frequente de risadas, e até gargalhadas, caracterizando um público alegre, feliz, satisfeito, aparentemente compactuando com os sentidos do sermão. Nesses momentos, o foco das câmeras de filmagem busca o registro dessas imagens, o que resulta na dinamização das tomadas nos planos de imagens.

Em décadas atrás, o humor e, conseqüentemente, o riso não seriam associados ao discurso religioso evangélico-pentecostal, principalmente, no momento do culto, como vemos no programa, em que o próprio pastor “anima” a “plateia” e, as imagens registram a manifestação do riso pelo público no auditório, inclusive pelos demais sacerdotes presentes, como também pelo pregador.

---

<sup>91</sup> Verbo (entreter) de origem latina: inter (entre) e tenere (ter). Os significados de entretenimento estão associados ao divertimento, à distração, ao passatempo associados à cultura das massas populares, por isso é um termo bastante difundido em referências às mídias como a Internet, o cinema, os DVDs, a televisão, os games etc.

O riso como resultado do humor nos sermões é uma materialidade que traz pela memória discursiva significados que historicamente transparecem uma distinção entre o discurso religioso que circula nos templos e o discurso religioso de veiculação midiática.

Ao longo da História da humanidade houve segregação a algumas manifestações do riso que até hoje se traduzem em enunciados do tipo: “homem direito não ri; moça séria não anda rindo pelas ruas, não abra os dentes em público”. Na religião pentecostal conservou-se muito desse pensar, não apenas como evidência de um modelo social de seriedade, mas pela significação do riso como manifestação carnal, alegria do corpo.

São comuns nas igrejas tradicionais os discursos sobre a mortificação do corpo, da carne, para exaltação do espírito, ou seja, se o riso é alegria do corpo, da matéria, respectivamente, a espiritualidade estaria em decadência. Assim, a exaltação ao riso ou a sua condenação revela as mentalidades de uma época, de um grupo e sugere sua interpretação no mundo, tanto como um elemento subversivo, quanto um elemento conservador.

No programa Vitória em Cristo o riso traduz um espaço de alegria do corpo em harmonia com a alegria do espírito, não é raro encontrar momentos de gargalhadas coincidindo com momentos de glorificação e adoração, em alguns até se confundem, como na sequência discursiva (SD) seguinte, no sermão exibido em 25/07/11:

**SD:**

*Tem um monte de mala sem alça na igreja, rapaz! Uns cara chato! (alguém da plateia grita: oh Jesus!)*

*É, Oh Jesus! Hem! (risos) [público na igreja rindo]*

*(alguém da plateia grita: Glória a Deus!)*

*É, Glória a Deus! Não clama não! Sabe, você tolera porque é teu irmão, [pastores no púlpito rindo muito]*

*Você tolera porque tem que ter comunhão com todo mundo!*

Na sequência, as expressões de adoração “oh Jesus e glória a Deus” misturam-se às manifestações de riso e servem também ao humor, pois são significadas como clamor, como se o locutor estivesse clamando a Deus pelo fato de ter que tolerar o irmão “mala”, acentuando a “graça”, o riso. Essa harmonização refaz no imaginário social a imagem do crente enquanto sisudo ou infeliz historicamente postulada, pelos próprios cren-



tes, como distinção ao não crente, e pelos não evangélicos, que interpretam no crente uma vida de abdições do prazer carnal.

O riso, desde a antiguidade, é reconhecido como próprio do homem, para Aristóteles “o homem é o único animal capaz de rir” (ARISTÓTELES, 2005). Na esfera teológica, o riso, em geral, sempre foi censurado sob o argumento de que Jesus não teria rido em sua vida terrena. “O riso é certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio especial dos homens e dos acontecimentos.” (BERGSON, 1983, p. 43)

No espaço sagrado, o riso está no campo semântico do jocoso, do mundano, não do espiritual. Resquícios da igreja medieval: se o riso é inerente ao humano, portanto deve o homem distanciar-se de sua natureza humana para santificar-se, sendo até obrigado, caso necessário.

As imagens no PVC, as quais focalizam as manifestações de riso do público, associam o humor a uma espécie de prêmio exibido socialmente, pois “permite a apreensão de um sentido que a sociedade controla, relegando-o a situações privadas de interlocução ou, se públicas, circunscritas a espaços destinados a isso, como teatros e casas de show, horários específicos de rádio e de TV etc.” (POSSENTI, 2010, p. 51). O espaço do riso é concedido pela igreja nas festas, no carnaval, nas feiras, não sendo admitido no espaço da arte, da filosofia, muito menos no lugar santo, na Casa do Senhor.

Dessa forma, a graça na “espetacularização religiosa”, proposta pela televisão, transforma sentidos normalizados sobre o comportamento litúrgico no espaço sagrado, pois ressignifica uma manifestação que historicamente é reconhecida como marca inerente do humano, portanto do mundano, do profano – o riso.

#### **4. Considerações finais**

A mídia sobrevive do espetáculo, do *marketing*, do entretenimento. O Programa Vitória em Cristo (PVC), mesmo representando uma igreja radicalmente tradicionalista, a Assembleia de Deus, se atualiza segundo exige sua manutenção. Para isso flexiona o dizer que aparentemente se suaviza na forma de brincadeiras e jogos de linguagem que provocam o riso/a graça. As condições de produção do discurso religioso no PVC sustentam a emersão do humor, pois as relações imaginárias dos sujeitos permitem o “engraçado” na adoração, ou seja, se o pastor – representante legítimo – porta voz de Deus – faz graça, provoca o riso e ri

também, por que então o servo, submisso e obediente não poderia rir com ele?

A nosso ver, o riso nos sermões do PVC acontece, portanto, como fruto do processo de midiática da religião evangélica pentecostal reproduzindo os sentidos da religião e da mídia, sem, entretanto, provocar sentidos novos. O pastor e os crentes continuam no mesmo lugar legitimado pela religião mesmo quando fazem a graça, mesmo quando riem. O que provoca a graça, ou seja, o riso, não rompe com os princípios da religião, nem com os valores sociais propagados na televisão, mas os reproduzem e os unificam na mesma formação discursiva evangélico-pentecostal.

Compreendemos, então, que os efeitos de sentido do riso no Programa Vitória em Cristo nessa formulação parecem provocar estranhamento, na medida em que associa o dizer da religião com o dizer da mídia que é o dizer do “mundo”, e se é mundano é contra Deus, desaprova a Deus, tanto que até a década de 90 a televisão foi endemoniada pela igreja que a interpretava como mensageira do diabo. No entanto, as imagens do riso do público produzem efeito de realidade e de verdade. Tais sentidos associam-se ao sentido de adesão que silenciam o percurso histórico de não aceitação do riso na religião e da “endemonização” da televisão pelos assembleianos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ARISTÓTELES. Arte Poética. In: *A poética clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad.: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Dossiê: Comunicação, Mídia e Consumo*, vol. 4, n. 11. São Paulo: novembro 2007, p. 11-25.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

POSSENTI, Sírío. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

*REVISTA FIEL*, Ano 08. Nº 84. Rio de Janeiro: Ediouro, maio 2012.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José M. Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo: Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da língua portuguesa*. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.